

# ESTUDOS TEÓRICOS DA CULTURA: AS TEORIAS SOBRE IDENTIDADE(S)

Adilson Vagner de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto tem o objetivo de discutir concepções contemporâneas para compreender as formações identitárias dessas novas sociedades em relação, bem como os principais autores dessa notável área de conhecimento que se torna fundamental para os estudos sociológicos e educacionais. Nessa direção, é necessário esclarecer que o propósito não é construir uma reflexão totalizante, como se o *corpus* teórico permitisse tal análise estática e global. Mas, tentamos, sobretudo, indicar os caminhos traçados pelos estudos culturais, na busca de novos horizontes na construção das relações entre sociedade e suas produções de cultura.

**Palavras-chave:** estudos da cultura, identidades, sociedade.

## Introdução

O encontro cada vez mais constante de grupos étnicos na sociedade moderna tem criado choques ideológicos intensos que são pensados a partir do princípio teórico dos Estudos Culturais. Dessa forma, a percepção e a construção de identidades sustentam um arcabouço crítico fundamental para esta forma de entender as culturas em relação na sociedade moderna.

E para esta conceituação teórica, o estudioso jamaicano Stuart Hall concebeu reflexões sobre Identidade que conduzem ao princípio da não existência de uma identidade fixa, estática e imutável. E para isso, desenvolveu um quadro histórico que discute a evolução do conceito de identidade a partir do Iluminismo.

Segundo Hall (2011, p. 10), “o sujeito do Iluminismo está baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”, assim, parte-se de um princípio essencialista que configura a ideia que exista uma identidade central no

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras do IFMT Campus Juína. Especialista em Ensino de Português e Literatura. Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação PPGEL-UNEMAT. Doutorando em Ciência Política pela UFPE. Pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa Pibic IFMT. E-mail: adilson.oliveira@jna.ifmt.edu.br

indivíduo que corresponderia a uma essência determinante, porém, como o próprio Hall relata, trata-se de um sujeito individualista na concepção de sua identidade.

E para a determinação do sujeito sociológico, Hall (2011, p. 11) define que ele “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente”, dessa forma, a constituição da identidade se dava com a relação com outras pessoas, numa construção cultural dinâmica entre o ‘eu’ e a sociedade.

Stuart Hall propõe a ideia de que o sujeito pós-moderno já não mais possua esta identidade utópica estável e única, mas que esteja ocorrendo a fragmentação deste sujeito, constituindo-se agora de várias identidades. Em suas palavras “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (ibidem, p. 13). Dessa forma, os estudos culturais ligados às pesquisas literárias buscam interpretar as formas de representação desta identidade fragmentada pós-moderna na produção artística.

Neste percurso, seguem as discussões sobre a identidade nacional e suas configurações imaginárias. Pois, partindo dos preceitos propostos por Stuart Hall em sua teoria sobre a identidade cultural na pós-modernidade, esta concepção de nação também se desconstrói diante do contexto contemporâneo.

A construção de uma identidade nacional passa, assim, por uma série de mediações que permitem a invenção do que é comumente chamado de ‘alma nacional’, ou seja, parâmetros simbólicos que funcionam como ‘provas’ da existência desse Estado, e que determinam sua originalidade: uma língua comum, uma história cujas raízes sejam as mais longínquas possíveis, um panteão de heróis que encarnem as virtudes nacionais, um folclore, uma natureza particular, uma bandeira e outros símbolos oficiais ou populares.

(FIGUEIREDO e NORONHA, 2005, p. 192)

A esta percepção cultural de se analisar a produção literária a partir de elementos composicionais ligados às relações de aproximação entre as diferentes sociedades do mundo, configura-se como um desacerto compreender a identidade como uma construção única e original. Prender-se a uma tradição histórica que desconsidere estes movimentos multiculturais na formação de qualquer sociedade conduzirá a uma visão etnocêntrica baseada no mito da criação original para as nações, sabendo-se porém, que

cada país foi sempre composto pelo deslocamento de fronteiras, encontros étnicos e processos de colonização que não conseguem ser neutros em seus efeitos produtivos.

À título demonstrativo, Candido (2010, p. 127) discute a formação da literatura brasileira sob esta ótica, destacando as polivalências dessas produções ao afirmar que “na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas”. Fato este que contribuiu para a idealização artística na literatura nacional através da criação de personagens que refletissem de alguma forma esta ambiguidade cultural comum ao processo de formação do país. Assim, Taylor (2009, p. 50) contribui em seus estudos sobre o multiculturalismo nas sociedades contemporâneas ao relacionar esta nova condição cultural do homem ao conceito de dialogismo na constituição das identidades, visto que é através deste diálogo cultural com aqueles que convivemos que é constituído o ‘eu’ multifacetado e híbrido já em sua origem.

Ao se estabelecer uma perspectiva de formação de identidade nacional que reconheça essas múltiplas origens; tem-se, portanto, uma visão panorâmica multilateral que colabora com os princípios do dialogismo cultural. Contudo, Figueiredo e Noronha (2005, p. 199) acrescentam que “o processo de criação de uma identidade nacional não deixa de ter contradições. A primeira delas provém do fato de que, ao criar sua identidade, cada nação age em nome de uma originalidade, mas se reporta a um único modelo”, e defender essa originalidade significa retomar aos modelos essencialistas do iluminismo que propõem uma centralidade na criação de identidade nacional, como apresentou Hall em seus textos.

Ao discutir esta questão de originalidade cultural, Glissant (2005, p. 27) aponta que “o estatuto da identidade como raiz única, [...] de uma concepção sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro”. Deste modo, este conceito de identidade torna-se uma criação imaginária que reproduz uma ideologia separatista que desconhece a contribuição do outro na formação nacional. Glissant defende o percurso identitário que vai ao encontro de outras raízes no processo de composição cultural, compartilhando com a percepção da identidade como rizoma, ou seja,

reconhecer a colaboração e a presença de outras culturas na criação da pretensa identidade nacional.

O teórico de Martinica ainda acrescenta uma complexa perspectiva para a compreensão das relações culturais na modernidade na qual se refere ao termo ‘crioulização’, para Édouard Glissant (2005, p. 18) “o mundo se criouliza”. Ou seja, que as culturas do mundo iniciaram um processo tão intenso de contato devido aos efeitos da mundialização que surgem, portanto, novas formas de culturas derivadas de encontros variados. Em suas palavras “as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transforma-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também de avanços de consciência”.

Assim, seu projeto teórico culmina em um processo profundo de mudança do pensamento humano diante dessa realidade em que as relações econômicas e políticas refletem um tipo de *mélange* cultural. Neste cenário, torna-se imprescindível o reconhecimento de condições que levem os indivíduos a perceber que tem existido um processo de globalização também cultural no mundo, com mais dinamismo na contemporaneidade, evidentemente, porém com uma imprevisibilidade enorme, diferenciando bastante dos termos de mestiçagem e hibridismo já em uso corrente nos estudos culturais.

O termo ‘crioulização’ vem do termo *créole* que designa as línguas crioulas e refere-se inicialmente a dois processos: o processo através do qual essas línguas se constituíram no Caribe, e a análise do processo de elaboração das culturas, que ocorreu também no Caribe e nas Américas, marcadas pela presença das culturas africanas. (ROCHA, 2003, p. 33)

Quando se discutem questões ligadas à identidade nacional no Brasil, por exemplo, tem sido um imperativo reconhecer estas trocas culturais e mestiçagens entre os povos que contribuíram para a formação do país. Contudo, os processos de relação entre as culturas não possuem o caráter de previsibilidade que a mestiçagem e o hibridismo sugerem, visto que a crioulização supõe que “os elementos culturais colocados em presença uns dos outros devam ser obrigatoriamente ‘equivalentes em valor’ para que essa crioulização se efetue realmente” (GLISSANT, 2005, p. 21). Isso

significa dizer que não se deve ocorrer a inferiorização de algumas das fontes culturais; sendo postas em condições semelhantes de valor, a crioulização se realiza produzindo resultados impossíveis de serem previstos.

Portanto, na contemporaneidade, não estaríamos mais diante de mestiçagens culturais, de *meltingpots*, conceitos que pressupõem identidades exclusivas, singulares, que preexistem à **Relação**, e que entram em contato umas com as outras. Estamos vivenciando a própria dinâmica da elaboração das culturas, processo que é permanente. Hoje, as culturas procedem da **Crioulização** e estão em processo de **Crioulização** (ROCHA, 2003, p. 35, grifos do autor)

Estes fenômenos têm sido negligenciados por políticas nacionais resistentes em assumir esta visão multicultural. Viana (2005, p. 107) acrescenta à discussão a premissa de que esteja ocorrendo uma transgressão das fronteiras de forma policêntrica e polifônica, o que resulta em novos mapas culturais em que o princípio da transitividade entre as comunidades colabora para reconfigurações incessantes das identidades individuais e nacionais. O autor ainda explica que talvez seja possível ver “no encontro de povos e culturas a possibilidade de construção de um novo *ethos*, uma nova maneira de ser e estar no mundo” (ibidem, p. 107).

Portanto, lapidar formas de visualizar nos estudos culturais fontes múltiplas de conteúdos a serem percebidas na produção artística contemporânea torna-se um dispositivo de expandir o pensamento humano na compreensão das relações culturais. Como descreve Quintana (2008, p. 71) “Os elementos articulados pelos estudos culturais apontam para o caráter interdisciplinar dos estudos bem como de uma concepção multicultural para abarcar todo tipo de produção discursiva: música, folclore, literatura, pintura, teatro, jornais, telenovelas, etc.” Dito de outra forma, este viés interpretativo presente em análises multiculturais das artes revela abordagens que percebem nas relações culturais uma ampla possibilidade de compreender-se nesse novo quadro histórico.

## AS CULTURAS EM TRÂNSITO

## 1. A transculturação

A desconstrução do sujeito iluminista, concebido por sua identidade essencialista e completa, converte-se numa reorganização do *ethos* ocidental na busca por reconhecimento dos valores multiculturais. Segundo Souza (2008, p. 79) “é comum ainda vincular o multiculturalismo a uma série de desdobramentos das minorias, que vão da emergência de grupos sociais até então invisíveis”, perspectiva esta que requer uma visão descentralizada diante das proposições eurocêntricas para conceber as identidades e os valores culturais. Este deslocamento na percepção do sujeito na pós-modernidade confere ao crítico e ao intérprete das produções literárias um novo quadro cultural em que o princípio processual e a transitividade têm adquirido força nas formas de representação e interpretação da sociedade.

O modelo ocidental e eurocêntrico das teorias sobre a modernidade foi, por muito tempo, aceito como único, sem que sua hegemonia fosse contestada. Outras experiências da modernidade deverão ser observadas, considerando não só o descompasso temporal de sua atualização pelas distintas culturas, como as singularidades múltiplas e divergentes dessa vivência dentro das próprias culturas locais. (SOUZA, 2008, p. 80)

As novas configurações das culturas em relação refletem os efeitos das geografias em trânsito e do sujeito em constante construção identitária. É válido ressaltar que as sociedades do passado também não eram estáveis e determinadas rigidamente por suas fronteiras físicas, porém, o movimento migratório e os descolamentos causados por inúmeros motivos nos últimos tempos se intensificaram enormemente, e estes fatos não devem ser negligenciados pelos estudos voltados às relações sociais e suas formas de representação. O entrecruzamento de diversos sujeitos em deslocamento nos mais diferentes locais do mundo faz dos conceitos de identidade única e nacional concepções insuficientes para os produtos das sociedades pós-modernas.

Com a declaração áspera de Fernando Clara em sua reflexão sobre as inverdades propagadas pelo espírito centralizador europeu, o autor afirma que:

Os mapas mentem, então. Tanto assim é, de resto, que a história, ciosa do seu meticuloso rigor científico, não resiste à tentação de corrigi-los, redesenhando novos mapas que deslocados do tempo e do contexto em que os originais foram produzidos, se apresentam como figuras ambíguas, estranhas e de certo modo perturbantes, anacrônicas, prestando-se a interpretações dúbias. (CLARA, 2008, p. 91)

O próprio autor nos alerta sobre o efeito de estranhamento ao observar modelos cartográficos que estão fora do “padrão” internalizado por todos, sob a força do discurso eurocêntrico que rege o ocidente por meio de suas fontes culturais e políticas. As confluências de ideologias dominantes produzem forças discursivas que desconsideram a presença de outras matrizes culturais na composição das nações imaginadas.

Como resultado dessa ação centralizadora, aqueles que estão à margem do sistema político e cultural de um país começam a tomar força ao se estabelecer como membro de igual valor e influência na formação étnica da comunidade. Assim como no Brasil, em diversos outros países, o multiculturalismo se fortalece aos poucos e torna-se pauta de discussão nacional com o objetivo de reconhecer que uma identidade nacional não consegue ser formada por elementos unilaterais, visto que a concepção de origem única e pura já não mais se sustenta.

Como descreve Bordini (2006, p. 20) “a mentalidade multicultural parte do suposto de que a realidade é uma construção humana, ou seja, que aquilo que acreditamos ser real não passa de uma versão dependente das teorias que as descrevem”. Ou seja, a pretensa realidade nacional é edificada por interesses dominantes, centralizando uma comunidade cultural e marginalizando outras em seu discurso purista e segregador. Bordini (idem) ainda complementa destacando que “as análises desconstrucionistas vieram derrubar certezas, mostrar debilidades de raciocínio e lógica”.

Para os fenômenos culturais ocidentais, o antropólogo cubano Fernando Ortiz enuncia em 1940 o conceito de Transculturação para discutir os impactos que o processo de colonização desencadeou na América Latina ao longo de séculos de trocas culturais em diversas condições de ocorrência.

Ortiz procurava, dessa forma, substituir várias outras expressões que, por sua carga etnocêntrica, seus sentidos morais, normativos e valorativos, teriam viciado a compreensão do fenômeno da chegada dos colonizadores na América. Desejava ainda descrever um processo no qual, duas culturas, em situação de encontro ou confronto, resultam modificadas, dando origem a algo novo, original e independente (AGUIAR e VASCONCELOS, 2004, p. 87).

O processo de transculturação deve ser entendido desta forma, como um processo e não como um produto do encontro das comunidades diferentes, assim, a troca de elementos culturais torna-se um *continuum* em que os modos de produção, organização do trabalho, as relações religiosas, tradições e outros traços da cultura se aproximam intensamente e se fundem formando formas híbridas que possuem características de ambas as fontes culturais. O termo transculturação vem a substituir pragmaticamente o conceito de aculturação até então, de uso corrente nos discursos. Porém, para se aceitar a concepção de aculturação, deve-se acreditar que uma comunidade em contato com outra, dependendo das condições dessa aproximação possa vir a perder sua cultura, fato este criticado por Ortiz, visto que ainda que este contato ocorra por meio de processos de colonização, por exemplo, nenhuma cultura consegue ser eliminada, mas ambas as comunidades recebem algo dessa troca, traços simbólicos permanecem na outra cultura.

As fases do processo de transição de uma cultura a outra, já que este não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, como sugere o sentido estreito do vocábulo anglo-saxão, aculturação, mas implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desculturação, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação (ORTIZ, 1983, p. 90).

Como destaca Reis (2005, p. 468) o conceito de transculturação “ultrapassa a visão limitada de mestiçagem racial, para significar o movimento que subjaz ao encontro de culturas”, isso significa dizer que este processo de mestiçagem cultural e ideológica abarca relações de troca muito além dos fatores estritamente biológicos para a formação das comunidades que sofreram a colonização. E como formas de desligamento com os padrões culturais anteriores, essas novas culturas representariam

um processo de transculturação que jamais se esgota, visto seu dinamismo e caráter progressivo.

Obviamente, estes encontros culturais estariam refletidos nas produções literárias destes países, o que leva o uruguaio Ángel Rama no livro *La transculturación narrativa em Latino américa* de 1982 a restabelecer o aporte teórico de Ortiz ao analisar como os processos de transculturação estão presentes nas obras romanescas produzidas na América Latina.

Reis (2005, p. 470) aponta que Rama destaca três operações características da transculturação narrativa: a utilização da língua, a estruturação literária e a cosmovisão. Principalmente nos romances do começo do século XX, o caráter regionalista de algumas publicações modernistas deve ser considerado como uma importante marca da transculturação, no que diz respeito à manipulação da linguagem e da transitividade de personagens em contextos culturais variados, pois os modelos europeus para o romance, até então copiados de forma genérica, acabam sendo transformados e adaptados aos espaços nacionais. Aguiar e Vasconcelos (2004, p. 88) explicam que para Ángel Rama, “é o romance o gênero que melhor possibilita, graças a sua liberdade formal e a seus recursos linguísticos, a invenção de uma linguagem que recupera e incorpora formas populares ou indígenas ao discurso literário”.

Os escritores regionalistas do século XX, se esforçam em fixar um sistema que permitisse alternar a língua culta do modernismo com o falar dialetal de seus personagens, na maioria rurais, com o objetivo de ambientá-los de forma realista. Não se trata apenas de um registro fonético, e sim, de uma reconstrução sugerida pelo manejo de um léxico regional, de formações fonéticas dialetais e, em menor grau, construções sintáticas locais (REIS, 2005, p. 472).

Dessa forma, os escritores desse período podem ser considerados exemplos de transculturadores do movimento modernista, pois, tentaram dar um caráter universal às produções regionalistas, fazendo com que as personagens se percebam transitando em dois mundos diferentes. E é essa transitividade entre as culturas através da adoção e troca de elementos culturais representados na obra literária que configura a transculturação narrativa proposta por Rama em seu quadro teórico sobre a produção na América Latina.

De acordo com Reis (2005, p. 477) esse trânsito dos narradores entre o regional e o moderno “foi resultado de séculos de contato e negociação cultural que gerou um paulatino acrioulamento, ou assimilação, das mensagens culturais europeias e sua hibridação ao longo da história”. A construção do romance se realiza aos moldes europeus, a começar pela própria seleção do gênero literário, porém a linguagem utilizada que reproduz a oralidade local é resultado dessa negociação cultural, gerando portanto, narrativas que evidenciam os fenômenos da transculturação.

O conceito criado por Ortiz nos anos 40 e a adaptação para análise das narrativas do século XX, no continente latino-americano, desenvolvido por Rama nos anos 70\80, têm sua vigência confirmada pela rede de discussões, reapropriações e novas leituras que continuam a surgir por parte da crítica cultural e literária da atualidade (REIS, 2005, p. 478).

Porém, torna-se interessante destacar, como apontam Aguiar e Vasconcelos (2004, p. 92-93) que o discurso de mestiçagem cultural sempre teve um aspecto de conciliação entre os sistemas culturais centralizados e os marginalizados, contudo, há ainda uma hegemonia dominante da cultura dos centros que rege as regras do jogo àqueles que se encontram fora deste círculo, em polos periféricos. Assim, as narrativas transculturais podem vir a ser percebidas como uma demonstração de afrontamento com as forças culturais dominantes.

Portanto, a visão de Rama de que no pós-guerra uma geração de escritores na América Latina teria reivindicado e conseguido livrar pelo menos parcela significativa da produção cultural do subcontinente, através da transculturação, da sensação de anacronismo e desigualdades em relação aos centros modelares da modernidade, (o Ocidente europeu e depois os Estados Unidos), cria, na verdade, uma ilusão (AGUIAR e VASCONCELOS, 2004, p. 93).

Esta visão de reconhecimento não livra a periferia cultural da condição subalterna construída historicamente. As trocas culturais, ainda que sob processos colonizadores, sempre ocorreram, porém, há agora uma tentativa de se discutir a valorização periférica atribuída a seus produtos artísticos. Portanto, a tomada de consciência coletiva dessa condição no campo da cultura, pode alcançar

desdobramentos políticos e educacionais, visto que esta atitude de reconhecimento significa criar políticas de correção e de deslocamento ideológico.

Refletir sobre os discursos da história e das artes como um todo, torna-se uma exigência para os produtores culturais ainda em condições de subalternidade, tanto para os núcleos produtores quanto a sua recepção depreciada. Diante de um domínio europeu nos campos culturais, a produção nas Américas atinge o caráter de negação ao centro, e quando essa dominação surge em solo americano, como é o caso do mercado norte-americano de difusão cultural, a latinidade se fortalece, reconfigurando identidades para que se continue a nutrição do espírito de luta contra o dominante. E assim, este processo se afunila constantemente, sustentado pelos mesmos objetivos descentralizantes que no Brasil referem-se às produções do eixo Rio-São Paulo que atribuem rótulos regionalistas ou transgressores às obras criadas fora destes núcleos. Ou mesmo reiterados adjetivos difundidos aos produtos periféricos, traduzidos pelos termos exótico ou alternativo.

### **Considerações finais**

As variantes conceituais que formam as matizes dos estudos culturais ultrapassam fronteiras teóricas do conhecimento, entendida a amplitude de alcance e intensidade dos diálogos culturais dentro de qualquer sociedade. Sendo assim, as formas de representação e os elementos representados sofrem os efeitos das relações de aproximação dos fenômenos sociais. É claro que estas características poéticas devem ser percebidas muito além de procedimentos formalistas de análise e interpretação do texto literário, isso se deve à influência ideológica e discursiva exterior que não pode ser negligenciada em estudos que reconheçam a complexidade da criação.

Desta percepção da multiformação dos elementos culturais surgem posicionamentos teóricos que contribuem, por exemplo, na constituição de quadros referenciais sobre questões relacionadas à identidade, visto que dentro deste novo projeto analítico, as produções literárias possuem um importante papel na compreensão dessas relações e de seus efeitos.

As novas configurações das culturas em relação refletem os efeitos das geografias em trânsito e do sujeito em constante construção identitária. É válido ressaltar que as sociedades do passado também não eram estáveis e determinadas rigidamente por suas fronteiras físicas, porém, o movimento migratório e os descolamentos causados por inúmeros motivos nos últimos tempos se intensificaram enormemente, e estes fatos não devem ser negligenciados pelos estudos voltados às relações sociais e suas formas de representação. O entrecruzamento de diversos sujeitos em deslocamento nos mais diferentes locais do mundo faz dos conceitos de identidade única e nacional concepções insuficientes para os produtos das sociedades pós-modernas.

## Referências

- AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boi tempo, 2004.
- BORDINI, Maria da G. *Estudos culturais e estudos literários*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, Setembro, 2006.
- CLARA, Fernando. Olhar a Europa: perspectivas, espaços, tempos, fins. In: OLIVEIRA, Maria Clara e LAGE, Verônica L. C. *Literatura, Crítica, Cultura I*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FIGUEIREDO, Eurídice e NORONHA, Jovita M. G. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: \_\_\_\_\_. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- NOBREGA, Geralda M. Literatura e História: um diálogo possível. In: SILVA, Antonio et al. *Literatura & Estudos Culturais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

PIZARRO, Ana. Áreas culturais na modernidade tardia. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

QUINTANA, Suely. Estudos literários e estudos culturais: uma interface. In: OLIVEIRA, Maria Clara e LAGE, Verônica L. C. *Literatura, Crítica, Cultura I*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

REIS, Lívia M. Transculturização e Transculturização Narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

ROCHA, Enilce A. A noção de criouliização e a estética barroca em Édouard Glissant. In: NASCIMENTO, Evando, et al. *Literatura em perspectiva*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

SOUZA, Eneida M. Identidades em Trânsito: Babel Multiculturalista. In: OLIVEIRA, Maria Clara e LAGE, Verônica L. C. *Literatura, Crítica, Cultura I*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

SOUZA, Lynn M. T. M. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalisme: différence et démocratie*. Paris: Champs, 2009.

VIANA, Magdala F. Crioulização e Crioulidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

## **THEORETICAL STUDIES OF CULTURE: THE THEORIES ABOUT IDENTITY(IES)**

### **ABSTRACT**

This paper aims to discuss contemporary conceptions to understand the identity formation of these new societies in relation, as well as the main authors of this remarkable area of knowledge that is fundamental to the educational and sociological studies. In this direction, it is necessary to clarify that the purpose is not to build a totalizing reflection, as if the theoretical *corpus* allowed such global and static analysis. But we try to mainly indicate the paths traced by cultural studies in search of new horizons in building relations between society and culture of their productions.

**Keywords:** cultural studies, identities, society.

Recebido em 25/11/2013.

Aprovado em 06/03/2014.